

SYLVIA DAY

EVE
E A
DESTRUIÇÃO

Tradução de
Leonor Bizarro Marques

5 SENTIDOS

Capítulo 1

Evangeline Hollis despertou com o fedor do Inferno – fogo, calcário, fumo e cinzas – e as suas narinas dilataram-se desconfortavelmente. Estava imóvel, deitada de costas, tentando a custo perceber as circunstâncias em que se encontrava. Lambeu os lábios que lhe souberam a morte – um travo amargo, espesso e persistente na língua e na boca. Moveu os músculos, tentando espreguiçar-se, e gemeu de dor.

O que se passa? A última coisa de que se lembrava era...
... de ser incinerada por um dragão.

Ao recordar o episódio entrou em pânico, recuperando de súbito todas as suas faculdades. Sentou-se muito direita e sorveu o ar ruidosamente. Piscou os olhos, mas viu apenas escuridão em seu redor. Levou a mão ao braço, tateando a Marca saliente com a ponta dos dedos. A Marca de Caim – uma tríquetra rodeada de um pequeno círculo composto por três serpentes, que devoravam a cauda umas das outras. O olho de Deus preenchia o centro.

A Marca ardia-lhe sempre que proferia o nome de Deus em vão – o que era frequente – e sempre que mentia, o que era um pouco menos frequente mas útil em certas ocasiões. O jogo sujo equilibrava as coisas quando se tratava de lidar com servos de Satanás.

Onde raio estou eu? Ao sentar-se, o fedor fumarento que pairava no ar intensificou-se. Eve franziu o nariz.

Estarei no Inferno? Toda a vida fora agnóstica e era-lhe ainda difícil aceitar a existência de Deus. O Céu, o Inferno e as almas... eram conceitos que a razão não explicava.

Além disso, se esse Deus misericordioso e o Céu existissem, era lá que estaria. Tinha sido amaldiçoada com a Marca de Caim apenas há seis semanas e ainda não fora convenientemente treinada para matar Infernais; porém, erradicara uma infestação de Tengu, matara um Nix e conseguira vencer um dragão, durante esse breve período. Ajudara também a conter uma nova e terrível ameaça aos justos – uma poção que permitia que os Infernais passassem por simples mortais durante algum tempo. *E* conseguira também que Caim e Abel colaborassem pela primeira vez um com o outro, desde a sua infância.

Se isso não fosse o suficiente para a redimir dos seus pecados, tentaria a sua sorte com o Diabo. Talvez este tivesse uma melhor noção de justiça.

Enquanto tentava perceber o presente, a sua mente entorpecida distinguiu o som de cânticos. Apesar de não conseguir perceber uma palavra, os cânticos eram-lhe familiares. A língua era o japonês e a voz era a da sua mãe.

Por estranho que pareça, a ideia de partilhar o Inferno com a mãe parecia-lhe, em simultâneo, reconfortante e arrepiante.

Eve cerrou hesitantemente os punhos, apalpando a superfície mole por baixo do corpo para tentar perceber onde estava, e sentiu que era de cetim, como os lençóis da sua cama. Uma brisa fresca roçou-lhe a testa e a sua visão explodiu em cores vivas, provocando-lhe um violento sobressalto.

Estava no quarto, sentada em cima da sua enorme cama. O ruído constante da rebentação, na costa de Huntington Beach, aumentou como se os seus sentidos estivessem anteriormente desligados. A sua cadência tranquilizadora pairava pelo corredor, desde a varanda da sala de estar, inundando-a de uma bem-vinda sensação de alívio.

Estava em casa. A tensão foi-se dissipando e os seus ombros descontraíram-se. Um brilho fugaz, na sua visão periférica, compeliu-a a virar a cabeça

Erguendo os braços para proteger os olhos da luz ofuscante, apercebeu-se vagamente da silhueta de um homem alado, a um canto, entre as portas do seu roupeiro de pinho branqueado e a cómoda. Eve conteve um acesso de lágrimas involuntariamente intenso. Aventurou-se

a olhar de novo para o anjo e percebeu, mais uma vez, que o seu corpo aprimorado pela Marca sabia o que fazer, mesmo quando ela própria não sabia. Baixou os braços. Conseguiu agora vê-lo sem riscos para a visão.

O anjo era alto, tinha as pernas e os braços musculosos nus, e usava uma espécie de túnica sem mangas até aos joelhos. A túnica era branca e tinha um cinto castanho-claro entrançado. As botas de combate negras, cobertas de picos de cima a baixo, eram uma surpresa tal como a absoluta perfeição das suas feições. Tinha um queixo quadrado e forte, e o cabelo escuro, apanhado atrás. As suas íris cintilavam como fogo azul e algo na sua postura parecia adverti-la para não o enfurecer.

O anjo baixou os olhos para o seu peito e ela seguiu-lhe o olhar. Estava nua.

– Bolas! – exclamou Eve, agarrando no lençol de cima e puxando-o até ao pescoço.

Miyoko Hollis apareceu à entrada da porta, escondida atrás de uma pilha de roupa lavada.

– Estás acordada – disse a mãe com a voz temperada com um ligeiro sotaque japonês.

– Parece que sim. – Eve estava tão feliz por ver a mãe que até os olhos lhe ardiavam. – É bom ver-te.

– Isso dizes tu agora – respondeu ela, aproximando-se da cama com o passo apressado de uma enfermeira reformada. Miyoko era um furacão compacto de energia, um tornado que a deixava frequentemente exausta. – Não te mexeste durante algum tempo. Quase pensei que estavas morta.

O problema é que Eve *estivera* de facto morta.

– Que dia é hoje?

– Terça-feira.

Uma brisa tóxica voltou a invadir-lhe as narinas e Eve sacudiu a mão diante do rosto, reparando depois que o odor vinha de cima da cómoda: um pau de incenso.

– Não sei que aroma é esse – resmungou Eve, estremeecendo interiormente pelo facto de ter perdido dois dias da sua vida –, mas cheira horrivelmente mal.

Myoko dirigiu-se aos pés da cama e largou a pilha de roupa, ainda morna, em cima do edredão. Usava um pijama da Hello Kitty – calças de flanela cor-de-rosa e uma *t-shirt* com um rosto da Hello Kitty à frente. Com o cabelo negro preso em totós e um rosto sem rugas, mais parecia irmã de Eve do que sua mãe. Além disso, agia como se a casa fosse sua, o que não era verdade. Darrel e Miyoko Hollis viviam em Anaheim – o lar da Disneylândia do Parque California Adventure, e também o lar de infância de Eve. Ainda assim, sempre que a mãe a visitava, Eve tinha de lutar para manter a sua posição de fêmea Alfa na sua própria casa.

Eve viu a mãe passar pelo anjo sem sequer pestanejar. Seria impossível não dar por ele, ali parado, de braços cruzados, pernas abertas e asas recolhidas...

A menos que não o visse.

– A aromaterapia estimula a recuperação – declarou Miyoko.

– Não quando cheira a merda. E porque estás a lavar a minha roupa outra vez? Quem me dera que te limitasses a descontraír um pouco quando cá vens.

– Não é merda, é jasmim e camomila. Estou a lavar-te a roupa porque estava a acumular-se. Não consigo descontraír-me numa casa desarrumada.

– A minha casa nunca está desarrumada. – A mãe lavava-lhe a roupa sempre que lá ia, embora Eve fosse perfeitamente capaz de o fazer aos vinte e oito anos. Por muito limpo que o apartamento estivesse, a mãe limpava-o sempre... reposicionando, entretanto, tudo a seu gosto.

– Mas estava – argumentou a mãe. – Tinhas um cesto a transbordar, junto da máquina de lavar, e o lava-loiça cheio de loiça suja.

Eve apontou para os boxers, camisas de homem e toalhas, na pilha de roupa.

– Essa roupa não é minha e a loiça também não.

O que faria a sua mãe se soubesse que ela andava a lavar a roupa de Caim e Abel? Embora os dois irmãos se chamassem agora Alec Caim e Reed Abel, continuavam a ser os irmãos da lenda bíblica.

– Alec tem estado a usar todas as toalhas e a deixar a roupa no chão da casa de banho – disse Miyoko num tom claramente repreensivo.

Nenhum homem era suficientemente bom para Eve. Aos olhos de sua mãe, todos eles tinham um defeito qualquer, por muito pequeno que fosse. – E tanto ele como o teu patrão sujaram um copo de cada vez que tomam uma bebida.

– Alec vive no apartamento ao lado, porque não vai desarrumar a casa dele?

– Estás a perguntar-me isso, a mim? – questionou a mãe, contendo uma gargalhada. – Ainda estou para saber por que razão Reed passa tanto tempo em tua casa ou porque nunca vi o teu namorado de fato, sendo ele CEO de uma empresa como as Indústrias Meggido. Não é normal.

Eve sorriu ao imaginar Alec de fato.

– Quando se gere bem um negócio, pode vestir-se o que se quiser.

Eve espreguiçou-se cautelosamente, retraindo-se ao sentir a coluna ainda um pouco sensível, e gritou:

– Alec!

– Não grites.

– Estou em minha casa, mãe.

– Os homens não gostam que gritem com eles.

– Mãe... – disse ela, suspirando de frustração. – Que te importa isso se ele deixa toalhas no chão da casa de banho?

Eve também embirrava com esse hábito, mas não achava que isso desqualificasse um homem para o casamento.

– É uma falta de consideração – resmungou Miyoko – e não é higiénico.

Eve olhou de relance para o anjo, constrangida pelo facto de ele estar a assistir à discussão. Ele fitou-a com um olhar ardente e franziu o nariz.

– Mãe! – disse Eve num tom mais insistente. – Apaga-me esse incenso, *por favor*. Cheira mal, a sério.

Miyoko resmungou, mas foi apagar o pau de incenso.

– És difícil.

– E tu és uma teimosa, mas eu adoro-te.

– Estás acordada – interpôs Alec, entrando pela porta do quarto. Fitou-a com um olhar insondável, olhando-a de cima a baixo,

à procura de sinais de alarme. – Assustaste-me, meu anjo – disse ele bruscamente.

“Meu anjo” era um termo carinhoso que apenas ele usava e sempre que Eve o ouvia, reviravam-se-lhe os dedos dos pés. Alec tinha uma voz suave como veludo, capaz de converter a leitura de *Uma Breve História do Tempo*, de Hawking, numa experiência orgástica.

Ficava mais sensual de calções compridos e camisola de alças brancas do que a maioria dos homens de *smoking*. O seu cabelo negro estava um pouco comprido de mais e o seu andar era um nadinha emproado, mas, independentemente da roupa que usasse e da descontração dos seus movimentos, algo nele parecia dizer que não deveria ser importunado. Era a sua faceta de caçador e predador. Alec era um assassino profissional e exímio no seu ofício.

Eve fora marcada por sua causa – Alec era também o seu mentor.

O irmão, Reed, entrou no quarto atrás dele. Percebia-se que eram irmãos pela semelhança das suas feições, mas, tirando isso, eram como o dia e a noite. Reed preferia fatos Armani e cortes de cabelo elegantes. Naquele dia, usava calças clássicas, cor de grafite, e uma camisa preta, desabotoada junto do pescoço, com os punhos arregaçados – era o seu superior hierárquico.

Todos os Marcados tinham um supervisor, um *mal'akh* – um anjo incumbido de os destacar para abater alvos. Uma vez, Reed comparara o sistema da Marca ao sistema judicial. Os arcanjos eram os oficiais de fiança, Reed era seu despachante e Eve, uma caçadora de prémios. Ainda não era grande caçadora... mas estava a aprender e a fazer o possível para o ser.

Entretanto, Reed era o responsável pelas suas missões e pela sua segurança básica. A única incumbência de Alec, em circunstâncias normais, seria proteger a sua vida, enquanto seu mentor, mas Deus não permitira que o mais poderoso e reputado dos seus executores desse largas ao seu talento. E Alec fizera um acordo para poder estar com ela. Em consequência disso, era Reed que tinha maior ascendente sobre ela – uma situação bastante ingrata, considerando a animosidade que existia entre os dois irmãos.

– Bem-vinda ao mundo dos vivos, Miss Hollis – disse Reed, saudando-a. Sorriu arrogantemente, como era habitual, mas havia

incerteza nos seus olhos escuros, o que a encantou. Reed não sabia como lidar com o que sentia por ela. Eve não o podia ajudar nesse aspeto, uma vez que mantinha uma relação com o irmão, e tentava abstrair-se do que sentia por ele. Era demasiado complicado e a sua vida já era um desastre de proporções bíblicas.

Ambos viram o anjo a um canto, imóvel, e fizeram uma ligeira vénia em sinal de respeito.

Miyoko estava demasiado concentrada em Eve para reparar no gesto. Eve justificava as visitas frequentes de Reed com a sua profissão de *designer* de interiores. Para a família, trabalhava quase sempre em casa, e a melhor forma de Reed ver o que ela andava a fazer era passar por lá. Mas Miyoko não acreditava nessa mentira pois achava que todos os *designers* de interiores eram *gays*... e Reed estava longe de o ser. Eve não imaginava o que a mãe pensava sobre o que se estava realmente a passar, mas sabia que a evidente animosidade entre os dois homens era suspeita.

O sorriso de Alec aqueceu-a por dentro.

– Como te sentes?

– Tenho sede.

– Vou buscar-te um pouco de água com gelo – sugeriu Reed.

Ela sorriu.

– Obrigada.

Alec curvou-se e encostou-lhe os lábios à testa.

– Tens fome?

– Uma banana até ia bem – respondeu ela, agarrando-lhe no pulso antes que ele se pudesse afastar. – Tive um sonho. Um pesadelo em que fui morta por um dragão.

– O teu subconsciente está a tentar transmitir-te algo – atalhou a mãe. – Mas não podias ter sonhado que morreste. Ouvi dizer que se morre na vida real quando se morre em sonhos.

– Acho que isso é um mito.

– Não há forma de o saber – argumentou Miyoko, enquanto dobrava roupa. – Se isso te acontecesse, estarias morta e não nos poderias contar.

Alec sentou-se na beira da cama, observando atentamente Eve.

Sabia que ela não se poderia explicar enquanto a mãe estivesse no quarto.

– Já acabou – disse ele tranquilizadamente. – Agora estás em segurança.

– Era tão real... que me custa acreditar que esteja sentada aqui e agora.

– Falamos mais tarde, depois de teres comido – respondeu ele, apertando-lhe a mão. A sua expressão revelava a suavidade que só ela lhe conhecia. – Vou buscar-te a banana.

Alec saiu e a sua mãe voltou para junto da cama, inclinou-se e murmurou de forma bastante audível:

– Ele discute com o teu patrão *por tudo e por nada*. Dir-se-ia que são casados. Aqueles dois têm testosterona a mais e juízo a menos.

O anjo engasgou-se.

– Mãe... – disse Eve, olhando para o canto. O anjo estava com um ar angustiado, uma expressão frequente no seu pai.

Miyoko endireitou-se e reuniu a roupa já dobrada.

– Um homem *atencioso* levaria protetor solar para a praia e jamais permitiria que apanhasses um escaldão.

Um escaldão na praia. Eve conteve uma gargalhada ao pensar na desculpa. Quem lhe dera estar de cama por um motivo tão simples.

– Contam-se pelos dedos os homens que levam protetor solar para a praia.

– Um homem como deve ser levaria.

– Como o pai?

– Claro.

– Nunca vi o pai com protetor solar.

– A questão não é essa.

– Julgava que era.

Eve amava o pai, amava-o de verdade. Darrel Hollis era um bom rapaz do Alabama, com um temperamento calmo e um sorriso gentil. Mas era também um alienado. Estando agora reformado, Darrel levantava-se ao nascer do sol, via televisão ou lia, e voltava para a cama depois do jantar. Casar com uma estudante de intercâmbio, estrangeira, fora o que de mais imprevisível fizera ao longo de toda

a sua vida – e Eve suspeitava que a mãe não lhe dera grande alternativa nesse aspeto.

– Para de namorar com meninos bonitos e arranja alguém com uma vida estável – ralhou Miyoko.

Eve atirou um olhar suplicante ao anjo no canto do quarto. Ele suspirou e aproximou-se um pouco. A sua voz tinha uma ressonância apaziguadora que nenhum mortal poderia reproduzir.

– Devias voltar a plantar as flores que tens nos vasos, junto da tua porta da frente – sussurrou ele ao ouvido de Miyoko. – Passarás pela creche e depois irás para casa, onde passarás o resto da tarde e te entregarás à tua paixão por jardinagem. Evangeline está bem e já não precisa de ti.

A mãe fez uma pausa, inclinando a cabeça para o lado, ao assimilar os pensamentos que julgava serem seus. O dom da persuasão. Eve ainda não o dominava.

– Devias também arranjar uma pedicure de spa – acrescentou Eve. – Bem a mereces.

Miyoko abanou a cabeça.

– Eu não preciso...

– Arranja uma pedicure – ordenou o anjo.

– Acho que vou arranjar uma pedicure – disse Miyoko.

– E pinta flores no dedo grande dos pés – prosseguiu Eve.

O anjo dirigiu-lhe um olhar reprovador.

Eve vacilou.

– Se quiseres – retificou Eve, prontamente.

Alec voltou com a banana e descascou-a junto da cama, deslumbrando-a com o movimento dos bíceps.

– Vou para casa – disse a mãe, subitamente. – A roupa está lavada e a loiça também. Tu estás bem. Não precisas de mim.

– Obrigada por tudo. – Eve pensou em levantar-se e abraçar a mãe, mas lembrou-se que estava nua por entre lençóis de cetim.

Miyoko acenou-lhe e encaminhou-se para a porta.

– Primeiro, vou mudar de roupa e reunir as minhas coisas. Depois, despeço-me.

A voz de Reed ecoou pelo corredor, roçando na pele de Eve como uma carícia quente do sol.

– Deixe-me ajudá-la, Mrs. Hollis.

Eve olhou para Alec, que voltou a sentar-se na beira da cama, e depois olhou para o anjo.

– Olá.

– Olá, Evangeline – disse ele, avançando. As suas pesadas botas não produziam ruído algum no soalho de madeira. Tinha imensas penas e parecia ter três pares de asas. Era absolutamente impressionante – a criatura mais bela que vira em toda a sua vida.

– Quem és tu? – perguntou Eve, antes de morder o fruto. Engoliu o primeiro pedaço quase inteiro, trincando de imediato outro. O seu estômago roncou, reiterando o facto de que a Marca queimava toneladas de calorias, que ela teria de repor comendo frequentemente.

– Sabrael.

Eve olhou de novo para Alec, enquanto mastigava.

– É um serafim – explicou-lhe ele.

Ela arregalou os olhos e começou a mastigar mais depressa, embaraçada por estar nua na presença de semelhante criatura. Os serafins eram a classe mais elevada de anjos e estavam muito acima dos sete arcanjos que geriam as operações quotidianas do sistema da Marca na Terra. Alec era um *mal'akh* – a classe mais baixa de anjos –, tal como o irmão. Eve era uma reles Marcada – uma entre milhares de miseráveis idiotas recrutados para o serviço divino por lhes serem reconhecidos pecados. Trabalhavam para conquistar a absolvição, caçando e matando Infernais que pisassem o risco demasiadas vezes. Por cada morte bem-sucedida ganhavam uma recompensa – os indultos necessários à salvação da sua alma.

– Posso vestir-me? – perguntou Eve, limpando a boca com a ponta dos dedos.

Alec levantou-se e tirou-lhe a casca de banana.

– Sabrael não partirá enquanto não falar contigo. Os Celestiais não encaram a nudez da mesma forma que os mortais. Diz-me o que precisas que eu vou buscar.

Eve apontou para um roupão de praia pendurado no roupeiro. Era de tecido turco, azul-claro, com mangas curtas, capuz e uma bolsa à frente. Alec enfiou-lho pela cabeça e meteu-lhe os braços nas mangas.

– Ok, Sabrael – começou por dizer Eve, afastando o cabelo do rosto. – Porque estás aqui?

– O melhor seria perguntar: por que razão estás *tu* aqui, Evangeline? Tu devias estar morta.

Eve conteve um gemido. Mais um enigma. Todos os anjos falavam por enigmas, exceto Alec e Reed, ambos de tal forma frontais que a faziam corar constantemente se a Marca não a impedisse de desperdiçar energia.

– Eu julgava que estava.

– E estavas, mas Caim diz que tens conhecimentos que nos serão úteis.

Eve olhou para Alec.

– Ressuscitaste-me para ser interrogada?

Sabrael cruzou os braços sobre o peito imensamente robusto.

– Ias para um lugar onde não teria sido possível interrogar-te. Era a única forma.

Eve olhou para o céu.

– Não vais ganhar nada com isto – disse Eve em voz alta.

– Não estás em posição de exigir que Jeová se revele – disse Sabrael num tom de voz horrível.

– Tu disseste que nos tinha escapado algo em Upland – disse Alec, imediatamente, entrelaçando os dedos nos dela.

Eve recordou a sua última missão – matar um Infernal numa das casas de banho de homens do Estádio de Qualcomm. Na sua primeira “saída a dois”, Alec decidira levá-la a um jogo de futebol americano dos Chargers contra os Seahawks. Depois, Reed aparecera e dissera que era altura para pôr em prática o que aprendera nas aulas.

– Um Lobo – murmurou Eve.

– O quê?

– Eu destaquei-a para caçar um lobisomem – disse Reed da entrada, encaminhando-se para o lado oposto da cama e estendendo-lhe uma garrafa de água gelada. – Um miúdo, uma presa fácil.

– Só que não era um Lobo – retorquiu Alec – e muito menos presa fácil.

– Mas estava lá um Lobo – explicou Eve. – Um dos miúdos que vimos na loja de conveniência, em Upland.

Upland. Jamais voltaria a encarar a cidade da mesma forma. Mandaram-nos lá em investigação. Da mesma forma que os Marcados tinham a Marca de Caim no braço, os Infernais possuíam “detalhes” que revelavam a que espécie pertenciam e a sua posição na hierarquia Infernal. Algo semelhante às insígnias militares. A sua alma emanava também um fedor putrefacto, que os tornava facilmente detetáveis. Eve confrontara-se com um Infernal sem detalhes nem cheiro e fora incumbida, juntamente com Alec, de descobrir como era isso possível. Concluíram que alguém criara um agente de camuflagem – uma poção capaz de inverter o equilíbrio entre o Bem e o Mal a ponto de desencadear o Apocalipse.

A operação fora conduzida numa fábrica de alvenaria em Upland. O local já não existia porque Eve metera um demónio de água dentro de um forno aceso, fazendo-o explodir. Porém, o problema inicial parecia continuar por resolver, pois o dragão também não tinha cheiro, o que só a camuflagem permitiria.

– Ele disse que fora o Alfa que o enviara – prosseguiu Eve. – Queriam matar-me para vingar a morte do filho dele.

A expressão de Alec endureceu subitamente e Eve sentiu o sangue gelar-lhe nas veias.

– Charles.

– O problema – atalhou ela rapidamente – é que o dragão que o acompanhava não tinha cheiro nem detalhes.

– Devem ter esse agente de camuflagem noutro sítio – disse Reed. – Ou o têm armazenado ou produziram um novo lote.

– Talvez a camuflagem seja permanente – aventou Sabrael.

– Não. Vai perdendo o efeito. Eu vi isso acontecer.

O serafim desviou os olhos para Alec.

– Tu também não conseguiste cheirar o Infernal?

– Já te disse que não prestei atenção – prosseguiu Alec, concentrando-se em Eve. O músculo do seu braço estremeceu mesmo por baixo da Marca, como se esta lhe doesse, e Eve percebeu imediatamente que ele estava a mentir. A Marca ardia quando se cometiam pecados.

Alec virou a cabeça para Sabrael e disse:

– Não fui treinado como mentor e não sei como me concentrar

ao mesmo tempo no alvo e em Eve. Consigo apenas concentrar-me nela.

Alec mentira a alguém poderoso para a resgatar às portas do Inferno. Talvez a um serafim ou ao próprio Deus. Iria pagar por isso... de alguma forma. E agora estava outra vez a mentir por sua causa.

Eve apertou-lhe a mão até ficar com os nós dos dedos esbranquiçados, mas ele não se queixou.

Miyoko voltou a entrar apressadamente no quarto, semicerando os olhos ao ver os dois homens de ambos os lados da cama – a cama de Eve.

– Ok, estou pronta.

Alec ergueu-se para que Eve pudesse sair da cama, mas não a deixou levantar-se ao perceber que ela estava demasiado tonta para o fazer. Ela optou por estender os braços para abraçar a mãe.

– Quando mandaste tirar essa cicatriz? – perguntou-lhe a mãe ao curvar-se para a abraçar.

Eve passou os dedos pela Marca de Caim. A Marca removera-lhe todas as cicatrizes de infância. O seu corpo era agora um templo. Funcionava como uma máquina bem lubrificada e precisa, sem flutuações, tais como transpiração, coração acelerado ou respiração ofegante. A não ser durante o sexo – nesses momentos tudo funcionava à semelhança dos mortais. A Marca tornava os orgasmos tão viciantes como uma droga, pois era o único momento em que um Marcado conseguia ficar “pedrado”.

Ao ver que a mãe não dizia nada acerca daquela marca no seu deltoide, Eve franziu o sobrolho. A primeira tatuagem de Sophia, a sua irmã mais nova, fora objeto da seguinte crítica: “Eras um bebé tão bonito.”

– Eu faço uma tatuagem e tu estás preocupada com um sinal? – disse Eve secamente.

– Fizeste uma tatuagem? – guinchou a mãe. – Onde?

Eve pestanejou e baixou os olhos para o braço, olhando de relance para Alec, que sacudiu a cabeça.

A mãe não a conseguia ver.

Uma profunda sensação de tristeza abateu-se sobre ela. A barreira entre si e a sua anterior vida não era apenas metafórica.

– Estava a brincar – disse Eve num tom de voz rouco, sentindo um aperto na garganta.

– Isso foi muito feio – reclamou a mãe, empurrando-a delicadamente à laia de recriminação. – Quase chorei.

Abraçaram-se e a mãe endireitou-se.

– Fiz um pouco de *onigiri*. Está num recipiente junto da máquina de café.

– Obrigada, mãe.

Reed encaminhou-se para a porta.

– Eu ajudo-a a levar as suas coisas para baixo, Mrs. Hollis.

Miyoko fez um sorriso radioso. O apartamento de Eve ficava no último andar e o parque de estacionamento era subterrâneo.

– Lambe-botas – resmungou Alec, quando eles saíram.

Eve deu-lhe uma palmada.

– Ela precisa de ajuda.

– Eu tê-la-ia ajudado se ele não andasse sempre de roda dela.

Sabrael pigarreou.

– Vais caçar o Lobo Alfa, Caim.

Houve um momento de silêncio e perplexidade e, depois, Alec disse:

– Eve está em fase de treino.

– E continuará – assegurou o serafim. – A sala de aula é o local mais seguro para ela, mas tu tens de partir.

Alec abanou a cabeça.

– Nem pensar. Não podes separar um mentor do seu Mercado.

– Charles Grimshaw está relacionado com a camuflagem Infernal. O seu filho trabalhava na fábrica de alvenaria onde a poção estava a ser produzida; e o dragão camuflado que matou Evangeline foi enviado por sua ordem. O tempo urge. Ele tem de ser abatido antes que provoque mais danos. Tu acordaste que continuarias a fazer caçadas individuais, tal como os teus pupilos.

Alec passou ambas as mãos pelo cabelo escuro.

– Logo que conste que ela ainda está viva, eles irão persegui-la. Ela vai precisar que eu fique por perto para a proteger.

– Raguel pode usar livremente todos os seus poderes neste momento. Duvido que lhe possas oferecer melhor proteção que um

arcanjo com amplos privilégios. Não te esqueças que ganhas o dobro dos indultos por cada morte. A morte de um Infernal com a reputação de Grimshaw dar-te-á um avanço de anos.

Alec crispou o maxilar.

– Devo então dizer-lhe: Desculpa, meu anjo, mas ficas entregue a ti mesma, pois eu tenho de partir para salvar o coiro?

Eve estremeceu.

– Eu vou ficar bem – disse num tom tranquilizador, roçando-lhe apaziguadoramente o polegar na palma da mão. – Não vai haver problema nenhum. Tu e Reed podem tratar da vossa vida sem preocupações. Todos sabemos que Gadara não permitirá que me aconteça nada pois precisa de mim para vos tyrannizar.

– Isso não significa que não nos preocupemos – disse Reed num sotaque arrastado, ao regressar. – Tu acabas sempre por te meter em sarilhos.

Eve esteve quase para dizer que Gadara gostava de a meter em sarilhos para irritar Alec, mas isso não os faria sentir melhor.

– Desagrada-me particularmente o facto de ser uma semana de treino no terreno – disse Alec, olhando de relance para Reed. – Uma coisa é estar na Torre Gadara, outra, muito diferente, é andar lá por fora.

– Fort McCroskey é uma base militar – disse Sabriel.

– Uma base *encerrada*.

– Não deixa de ser uma presença militar e Raguel viajará com a sua comitiva de guardas.

Eve franziu o sobrolho aos três homens.

– De que estão vocês a falar?

Reed explicou:

– Raguel vai levar a tua turma para o Norte da Califórnia. Há lá uma antiga base militar que ele gosta de usar para exercícios no terreno.

Eve gemeu em silêncio. Uma viagem de uma semana com uma turma de Marcados, recém-chegados, que a ressentiam pelo facto de ter o infame Caim como mentor e Abel – igualmente respeitado – como supervisor. A semana seguinte iria ser tão divertida como uma sessão de depilação pública.

– O Alfa não vive no Norte da Califórnia? – perguntou.

Alec anuiu.

– Vive mais a norte, a algumas horas da base. Fort McCroskey é perto de Monterey; a alcateia de Grimshaw está mais perto de Oakland.

– O facto de ficar a algumas horas de carro parece-me bastante vantajoso – observou Sabrael. – Podias ter sido destacado para o outro lado do mundo.

– A ideia não me agrada – disse Alec, irritado –, mas levarei Eve a Monterey e seguirei viagem.

Reed sorriu:

– Eu ficarei de olho nela enquanto Caim estiver ocupado.

– Tu tens de identificar um Infernal – lembrou-lhe Sabrael.

– Ambos terão de acreditar que Raguel zelará pela segurança de Eve.

Eve suspirou:

– Alguém quer trocar de lugar?

– Desculpa, querida – disse Reed –, mas não é aconselhável fazer gazeta no local de treino de Marcados.

– Ela não é tua querida – disse Alec, bruscamente.

Reed ergueu ambas as mãos como quem se rende, mas o brilho malévolos nos olhos traiu-o.

A cena íntima que Eve tivera com Reed, no passado, adensava a inimizade entre eles. Tudo acontecera antes de Alec voltar a entrar na sua vida, e ele não lhe guardava rancor por isso; seria porém um eufemismo afirmar que não confiava no irmão, nem que este estivesse a uma distância segura dela.

Alec olhou para Eve com uma expressão mais branda.

– Preferias caçar demónios a sério do que fingir caçá-los?

– Talvez eu tenha ressuscitado com uma personalidade diferente – aventou Eve. – Como na *Invasão dos Violadores*.

– Ou talvez estejas furiosa por teres sido morta e queiras uma vingança-zinha.

Ela revirou os cantos da boca. Alec já a conhecia tão bem....

– Mas se estiveres possuída, terás bom gosto na escolha de cadáveres.

Um formigueiro percorreu-lhe o corpo, e Eve percebeu que ele dera por isso pela forma como lhe piscou o olho.

– Mais quatro semanas, meu anjo, e depois damos cabo deles.

Mais quatro semanas de aulas, uma delas a acampar. Eve suspirou. Sem dúvida que regressara ao mundo dos vivos.

O Inferno teria certamente métodos mais abertos de tortura.